

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: REFLEXÕES A PARTIR DO REGISTRO DE MEMÓRIAS DE DOCENTES VINCULADAS AO PROCESSO FORMATIVO

Recebido em: 27/02/2026

Aceito em: 27/05/2026

DOI: 10.25110/educere.v26i1.2026-12653



João Marcos Boton Consentino ¹
Vanessa de Cássia Pistóia Mariani ²

RESUMO: Este artigo apresenta dados construídos junto na pesquisa de mestrado intitulada: Memórias Agroecológicas e as Relações com a Educação Profissional Tecnológica, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal Farroupilha. Tem como objetivo apresentar e propor reflexões acerca das memórias de docentes da Educação Profissional e Tecnológica em relação as questões agroecológicas. O caminho metodológico segue uma abordagem qualitativa, desenhada em forma de pesquisa de campo realizada através de registros de memória através da metodologia da história oral. Como resultados, constatou-se que as memórias dos docentes apontaram falta de abordagem em relação a temática agroecológica em seu processo formativo, sendo que a busca por formação nesta área ocorreu de forma individual e paralela, e que atualmente, apesar dos Institutos Federais possuírem, em sua missão institucional abordagens sustentáveis, os cursos oferecidos continuam a negligenciar a abordagem a esta temática nos Planos Pedagógicos dos Cursos.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral; Pesquisa Qualitativa; Agronomia.

VOCATIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION: REFLECTIONS BASED ON THE RECORDING OF TEACHERS' MEMORIES LINKED TO THE TRAINING PROCESS

ABSTRACT: This article presents data constructed in conjunction with the master's research entitled: Agroecological Memories and their Relationship with Professional and Technological Education, linked to the Postgraduate Program in Professional and Technological Education at the Farroupilha Federal Institute. Its objective is to present and propose reflections on the memories of teachers in Professional and Technological Education in relation to agroecological issues. The methodological approach follows a qualitative approach, designed as field research conducted through memory records using the oral history methodology. The results showed that the teachers' memories indicated a lack of focus on agroecological themes in their training process, with the pursuit of training in this area occurring individually and in parallel. Furthermore, despite the Federal Institutes having sustainable approaches in their institutional mission, the courses offered continue to neglect this theme in their Pedagogical Plans.

¹ Mestre em Educação Profissional e Tecnológica; Instituto Federal Farroupilha.

E-mail: joao.consentino@iffarroupilha.edu.br, ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8850-3503>

² Doutora em Educação em Ciências; Instituto Federal Farroupilha.

E-mail: vanessa.mariani@iffarroupilha.edu.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5825-7648>

KEYWORDS: Oral History; Qualitative Research; Agronomy.

EDUCACIÓN VOCACIONAL Y TECNOLÓGICA: REFLEXIONES BASADAS EN EL REGISTRO DE RECUERDOS DE DOCENTES VINCULADOS AL PROCESO DE FORMACIÓN

RESUMEN: Este artículo presenta datos elaborados en el marco de la investigación de maestría titulada: Memorias agroecológicas y su relación con la formación profesional y tecnológica, vinculada al Programa de Posgrado en Formación Profesional y Tecnológica del Instituto Federal de Farroupilha. Su objetivo es presentar y proponer reflexiones sobre las memorias del profesorado de Formación Profesional y Tecnológica en relación con temas agroecológicos. El enfoque metodológico es cualitativo y se basa en una investigación de campo realizada mediante registros de memoria utilizando la metodología de historia oral. Los resultados mostraron que las memorias del profesorado evidenciaban una falta de atención a los temas agroecológicos en su proceso formativo, y que la formación en esta área se impartía de forma individual y paralela. Además, a pesar de que los Institutos Federales cuentan con enfoques sostenibles en su misión institucional, los cursos ofrecidos siguen descuidando este tema en sus Planes Pedagógicos.

PALABRAS CLAVE: Historia Oral; Investigación Cualitativa; Agronomía; Facultad.

1. INTRODUÇÃO

Pode-se definir o conceito de memórias de forma ampla, e dependendo da condição em que é pesquisado, com múltiplas definições, partindo de concepções da neurociência, com explicações bioquímicas de como sua formação se dá no cérebro, até estudos já realizados pelas ciências sociais, como antropologia, sociologia e psicologia, explorando o contexto social e cultural do seu processo formativo.

Para Izquierdo (2018) a memória se desenvolve basicamente da mesma maneira em todos os animais, incluindo os humanos, onde complexos mecanismos bioquímicos ocorrem nos neurônios, mais especificamente no arranjo de suas sinapses com outros neurônios, nesse processo atuam estímulos internos e externos aos indivíduos.

Ainda para Izquierdo (2018) existem três formas de a memória atuar: memória rápida ou de trabalho, que serve para possibilitar atividades cotidianas do dia-a-dia, como o ato de ler, por exemplo; a memória de média duração que, em humanos corresponde de minutos a poucas horas; e a memória de longa duração, esta que pode acompanharnos durante anos, ou mesmo boa parte da vida. Destaca-se que esta última normalmente está carregada de forte conteúdo emocional, seja no momento de sua formação no cérebro, seja em sua externalização.

Nos afastando do conceito bioquímico da formação de memórias, encontramos autores como, Maurice Halbwachs (1990) e Michael Pollak (1992) que abordam o tema a partir de abordagens sociológicas, antropológicas e psicológicas, destacando o contexto social, econômico e político que os indivíduos se encontram e como isso afeta na formação, perpetuação e também modelagem da memória.

Maurice Halbwachs (1990) define que a formação de memórias não abarca um processo somente individual, mas sim uma formação social que os indivíduos constroem a partir de suas interações familiares, crenças religiosas, ambiente escolar e demais instituições que fornecem as molduras sociais que estruturam e dão rumos na formação das memórias. Nessa abordagem, o autor defende que cada indivíduo não lembra isoladamente sobre os fatos, mas sim reflete uma perspectiva a partir de uma memória coletiva que está difundida com o grupo social ao qual faz parte, fazendo com que a perpetuação ou esquecimento dessas memórias esteja fortemente atrelada às crenças e valores que tal grupo compartilha.

Halbwachs (1990) também conceituou as diferenças entre memória e história, sendo a memória um processo dinâmico que está em constante reconstrução e reorganização devidas as influências do meio social, a história, por outro lado, procura reconstruir o passado de maneira sistemática e objetiva.

Já Michael Pollak (1992) trouxe um conceito de memória que explora a relação de como as memórias individuais dos sujeitos e as memórias coletivas que esses indivíduos constroem juntos se interrelacionam e avançam dentro de uma sociedade. Para esse autor a memória não é apenas uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado, mas constitui-se também em tentativas mais ou menos conscientes de pertencimento e fortalecimento da coesão dos grupos sociais que estão inseridos.

Segundo estudos de Consentino e Mariani (2024) através da organização do estado, do conhecimento, publicada recentemente, sobre pesquisas que investigaram sobre “memórias agroecológicas no contexto da Educação Profissional e Tecnológica”, apurou-se que, raras são as pesquisas que dedicam-se a esse tema, não sendo localizada nenhuma, junto ao Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no recorte temporal dos últimos cinco anos, que se refere a memórias de docentes em relação a temática agroecológica.

Nesse sentido, ao realizar uma pesquisa com relatos de indivíduos e suas memórias acerca de determinado assunto, se torna necessário lançar mão de uma metodologia adequada a essa finalidade, bem como conceituar tais métodos. Dessa maneira Pinsky *et al.*, (2005) definem que a História Oral se configura como uma possibilidade metodológica para realizar tal trabalho, sendo uma fonte interessante para auxiliar no estudo da história contemporânea.

Os mesmos autores destacam que a História Oral consiste em uma metodologia interdisciplinar, pois se utiliza de diversas disciplinas das Ciências Humanas, como Antropologia, Sociologia, História, Psicologia, por exemplo, podendo ser aplicada nas mais variadas áreas do conhecimento (Pinsky *et al.*, 2005) e devido a esse leque de abrangência e possibilidades de investigações dessa metodologia, tornou-se possível o desenvolvimento da presente pesquisa, que buscou investigar as memórias de docentes sobre seu processo formativo em relação a agroecologia investigando à forma como o tema é trabalhado em uma instituição de ensino, correlacionando esta abordagem a missão dos Institutos Federais.

Agroecologia, explorando algumas abordagens

Conforme Gliessman (2000), o termo agroecologia surgiu por volta da década de 1930, podendo ser considerado como um sinônimo de ecologia aplicada à agricultura, contudo ao passar dos anos observou-se um aprofundamento da divisão do trabalho na sociedade capitalista, incluindo o meio rural, fazendo com que ecologia e agricultura caminhassem separadas, essa ruptura ocorreu sobretudo após o fenômeno denominado como Revolução Verde.

Segundo Guhur e Toná (2012), ainda que no princípio a agroecologia tenha sido concebida como uma disciplina específica que se ocupava em estudar os agroecossistemas (sistema agrícola baseado na diversidade local) nas décadas seguintes outras áreas do conhecimento foram se agregando a ela, como o ambientalismo, a sociologia, a antropologia, a geografia e os estudos de sistemas tradicionais de produção, também incorporando e valorizando técnicas e saberes dos povos locais.

O termo agroecologia se popularizou nos anos 1980, principalmente a partir dos trabalhos de Miguel Altieri (2004) e de Stephen Gliessman (2000), pesquisadores de universidades estadunidenses e atualmente considerados os principais expoentes da denominada “vertente americana” da agroecologia (Guhur; Toná, 2012).

Torna-se importante ressaltar a diferença entre agroecologia e agricultura orgânica, pois é comum para muitas pessoas acharem que ambos os termos são sinônimos, quando, na verdade são terminologias distintas. Mattei e Michellon (2021), trazem a seguinte definição para agricultura orgânica:

Trata-se de uma atividade de produção que procura manter a saúde do solo, dos ecossistemas e das pessoas, a partir da não utilização de agrotóxicos e métodos agressivos para solo, plantas e animais. A história da agricultura orgânica está ligada ao pesquisador inglês Albert Howard, na década de 1920. No entanto, entre as décadas de 1930 e 1970, esta prática espalhou-se por vários países, até que os produtos orgânicos começaram a ser comercializados em escala mundial, a partir dos anos 1990 (Mattei; Michellon, 2021).

Quanto para agroecologia, Miguel Altieri (2004), em seu livro *A Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável*, a define da seguinte forma:

A agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ela utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais. (Altieri, 2004).

Além das definições que os principais autores trazem, também é necessário destacar as condições de surgimento da agroecologia. Guhur e Toná (2012), ressaltam a importância de ter presente que a questão ecológica envolve relevantes questões sociais, como a luta de classes no meio rural, pois após a Revolução Verde, tornou-se cada vez mais difícil a permanência das camponesas e camponeses em suas terras, visto que o capitalismo/agronegócio, funcionou e funciona até hoje, como um mecanismo de poder e dominação que está disponível para poucos, seja no que tange à distribuição de terras e também no domínio de tecnologias e patentes voltadas à agricultura.

É dentro desse viés de luta e resistência contra o agronegócio que se moldaram os conceitos da agroecologia ao redor do mundo, sendo construída através da interação e sistematização de várias áreas do conhecimento e tendo como enfoque principal a valorização e o resgate dos saberes tradicionais, visto que muitos desses saberes se perderam, pois foram menosprezados pelo modelo padronizado e artificializado de agricultura que a Revolução Verde impôs.

Os Institutos Federais: um espaço em potencial para a agroecologia

Com o intuito de superar essa educação tecnicista e utilitarista, é que autores como Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) entre outros, defendem que a educação precisa focar no desenvolvimento integral dos sujeitos, abrangendo múltiplos aspectos da vida humana, preparando o indivíduo para o mundo do trabalho e seus mais diversos desafios, tornando-o capaz de decidir sobre os rumos de sua vida. Dentro dessa concepção de formação integrada, é que foram criados os Institutos Federais (IFs), com uma proposta inovadora para formar profissionais para o mundo do trabalho e para a vivência em sociedade, de forma integral e crítica.

Indo ao encontro dessa discussão, Eliezer Pacheco, em entrevista concedida aos professores Antônio Righes e Rosane Sarturi (2021), cita que em toda nossa história como nação houve uma dualidade no ensino, sendo apenas no início desse século, a partir do primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva que se passou a pensar formas de superar essa dicotomia na educação. A maior expressão desse movimento foi o sancionamento da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008 que possibilitou a criação dos IFs, tendo como objetivo principal a formação integral dos estudantes, proporcionando um ensino amplo, crítico e libertador, sobretudo para os jovens e adultos da classe trabalhadora, para os quais historicamente esse tipo de educação sempre foi negado.

Ainda para Righes e Sarturi (2021), além da criação dos IFs, nesse período houve um grande investimento de recursos para a educação em geral, tanto para pesquisa, infraestrutura das unidades existentes e criação de novos polos de institutos e universidades federais ao longo do país, bem como a abertura de inúmeros concursos públicos para nomear novos servidores e servidoras para atuarem nesses locais.

Silva e Pacheco (2022) citam que os IFs já com quinze anos de existência são reconhecidos por ser excelência em educação, tanto em nível médio e técnico como também em cursos superiores, porém destaca que um grande desafio é manter viva a essência para a qual essas instituições foram pensadas, ou seja, de formar os estudantes em sua plenitude, tanto para a vida profissional como também para o mundo. Assim como o autor descreve, essa dificuldade existe principalmente porque os profissionais que dão corpo e voz aos IFs vêm, em sua grande maioria, de universidades, onde a formação ainda é muito academicista, diferente da proposta de formação integral, pensada para estas instituições.

2. METODOLOGIA

Este artigo tem abordagem qualitativa, a qual se constitui em uma ferramenta importante na condução de trabalhos investigativos, sobretudo nas ciências sociais, pois busca compreender seus fenômenos, questionamentos e complexidades, valorizando o contexto onde as situações ocorrem e considerando as relações e interações dos atores envolvidos no processo. Para Minayo (2002), pesquisa qualitativa pode ser definida como:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2002, p. 21-22).

Os dados foram produzidos através de uma pesquisa de campo, que segundo Gil (2008) proporciona o aprofundamento de uma realidade específica, podendo ser realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas coletando explicações e interpretações do ocorrem naquela realidade. Foi aplicada em um Instituto Federal do interior do Rio Grande do Sul, através de realização de entrevista semi-estruturada, buscando registrar as memórias de docentes, atuantes em cursos da área de recursos naturais. Ao todo foram entrevistados quatro docentes, graduados em agronomia que ministram aulas desde o ensino médio integrado até cursos de pós-graduação.

O Quadro 1 apresenta a codificação dos docentes, mantendo o caráter de anonimato e confidencialidade da pesquisa, a qual foi devidamente aprovada pelo Comitê de ética na Pesquisa do Instituto Federal Farroupilha. Cada respondente foi identificado por um código, onde D1 representa o/a docente 1, assim sucessivamente até o último docente, apresentando ainda aspectos quanto sua formação e atuação nos IFs.

Quadro 1: Características dos respondentes

Código	Público	Formação	Tempo de atuação
D1	Docente	Agronomia	10 anos
D2	Docente	Agronomia	16 anos
D3	Docente	Agronomia	15 anos
D4	Docente	Agronomia	17 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados foram analisados utilizando a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), a qual abarca um conjunto de técnicas que emprega procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, contemplando os aspectos individuais e atuais (em ato) da linguagem, pois trabalha o sentido da fala dos emissores, tentando compreender o ambiente de análise em um determinado momento através dessas mensagens.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a produção dos dados da pesquisa de campo com os docentes, foram agendas e realizadas entrevistas, guiadas por um roteiro semi-estruturado, o qual buscou suscitar as memórias e registrar a história oral destes sujeitos, as quais após serem analisadas, originaram duas categorias, sendo: 1. Processo formativo dos docentes e 2. Aproximações e distanciamentos da agroecologia com a missão dos Institutos Federais.

Categoria 1. Processo formativo dos docentes

Esta categoria reúne respostas as quais apresentaram semelhanças em relação ao processo formativo dos docentes, destacando a ausência de questões relacionadas a temática da agroecologia e da produção orgânica no período de graduação, sendo que aqueles que tinham interesse na área, buscaram por conta própria essa formação, conforme fala da D1:

Nós, na nossa formação em agronomia da década de 80 e 90, nós não tínhamos nenhum assunto sobre esta questão, então nós estudávamos em grupos, principalmente aqueles estudantes que moravam na casa do estudante. Nós nos reuníamos, conseguíamos alguns livros, estudávamos separadamente e éramos chamados de “ecoxiitas” (aquelas pessoas que pensavam numa preservação, mas que naquele momento não existia nenhuma importância em relação a esses manejos), então eu consegui trabalhar a agroecologia assim né, estudando praticamente quase que escondido e como me dediquei ao controle biológico, então eu me inseri muito em relação ao manejo agroecológico (Docente 1, 2024).

Nessa fala percebemos que a temática da produção agroecológica e orgânica foi marginalizada na academia ao longo do tempo. Além de não ser trabalhada em sala-de-aula, ainda havia o preconceito com as pessoas que se disponibilizavam a estudá-la.

Aliado a essa deficiência acerca dessa temática no processo formativo dos estudantes em geral de ciências agrárias, existe um enaltecimento do agronegócio, principalmente pela grande mídia, onde se criou um *lob* do “agro é isso, o agro é aquilo”,

porém não são considerados os inúmeros problemas socioambientais que atividade traz consigo.

A fala do D2 vai ao encontro da primeira, porém para chegar até a resposta de como ocorreu sua formação em relação à agroecologia e temáticas afins, ele descreveu um pouco de sua história acadêmica e profissional, que em linhas gerais, ocorreu da seguinte maneira:

Segundo o Docente 2 (2024), antes de ser professor o entrevistado trabalhou na prefeitura de Santa Maria, junto à secretaria de agropecuária do órgão, mesmo seu cargo sendo administrativo, ele atuava junto a colegas técnicos e agrônomos e também junto a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) municipal, iniciando assim a relação mais próxima com agricultores e agricultoras familiares e despertando o interesse de trabalhar e levar soluções e alternativas a esses grupos de pessoas. Foi em meio a essas assistências técnicas, com o intuito de solucionar um problema de doenças na produção convencional de tomates, que o recém formado engenheiro agrônomo e ainda servidor da prefeitura de Santa Maria, juntamente com seus colegas, começaram a perceber que existiam outras alternativas para se produzir, sem a necessidade (pelo menos de uso intensivo de produtos químicos), mais voltadas à sustentabilidade do sistema e ao uso racional de insumos, a exemplo a produção orgânica e/ou agroecológica.

Após esse período, o entrevistado ingressou no mestrado, onde passou a trabalhar com substrato (alternativa ao cultivo de plantas diretamente no solo), ainda não se caracterizava como produção orgânica ou agroecológica, porém sinalizava para um caminho alternativo do convencional. Foi em meio ao mestrado que ele passou em um concurso e foi trabalhar em Santa Catarina, onde aprimorou práticas e conhecimentos em relação à agroecologia, que conforme suas palavras:

(...) daí lá eu encontrei o pessoal desenvolvendo...é na época a agroecologia estava bem mais...daí comecei a ver as propriedades em produção, com cobertura morta, alguns programas, contatos com o pessoal da Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina) lá bem mais evoluídos do que na época aqui no Rio Grande do Sul e aí então meu conhecimento veio muito mais pela relação com esse pessoal, pesquisadores na área de lá (...) (Docente 2, 2024).

Conforme observamos, o D2, ao longo de toda sua formação acadêmica, também não obteve formação formal em relação à agroecologia, o que pode ser destacado em outro trecho de sua fala:

(...) eu tinha aprovado no doutorado, resultado é que com agroecologia mesmo eu não consegui porque não tinha quem me orientasse, acabei trabalhando com semente crioula de feijão que era... não fiquei muito longe do que eu pretendia, mas na minha busca por um possível projeto de pesquisa, eu encontrei muitas pessoas ligadas a produção agroecológica do estado de Santa Catarina, da Epagri, lá com atuação... produção de cebolas, produção de hortifrutigranjeiros e organização de grupos de produtores. E aí que veio mais o fato de que a gente criou lá em Rio do Sul, um curso técnico em agroecologia, e aí as disciplinas eram ministradas pelos professores que tinham pelo menos um olhar voltado, né (...) e aí eu acabei estudando mais ou menos que por conta, fiz bastante participações em seminários e encontros de formação em agroecologia. De maneira geral eu procurei esse tipo de formação, porque durante meu curso de doutorado foi pouca coisa voltado especificamente para isso. Então foi assim, os conceitos eu fui aprendendo com as pessoas que trabalhavam, com a vivência e sempre acompanhando agricultores, tendo uma proximidade com os agricultores que trabalham com isso (Docente 2, 2024).

Além da falta de formação formal em agroecologia, outro aspecto interessante que se destaca da fala do entrevistado é justamente o oposto, ou seja, a formação informal, através do contato direto com as pessoas envolvidas nesse meio, sobretudo os agricultores e agricultoras, pois essas pessoas são detentoras de saberes empíricos, tão valiosos quanto os saberes acadêmicos/científicos.

Consolidando essa afirmação, Gomes (1999) afirma que os conhecimentos ou saberes cotidianos são de grande importância para a própria produção de conhecimento científico, podendo dizer assim que na ciência, predomina o saber, enquanto na sabedoria, o conhecer.

A fala do docente 4, foi na mesma linha das anteriores, relatando que praticamente não teve nenhuma formação específica na área de agroecologia ou agricultura orgânica, conforme observamos no trecho abaixo:

Eu, em formação de agronomia, tive muito pouco sobre isso, mais foi estudando depois, fazendo cursos, projetos que a gente escreveu na área e depois nós estudamos dentro desses assuntos aí, em conversas com os colegas, fazendo leituras. Mas assim, formação específica, algo mais na cadeira da escola mesmo, eu tive muito pouco sobre isso. Até porque quando eu estudei já faz um bastante tempo né. Então, naquela época não tinha dentro do currículo da agronomia ou mesmo do técnico, eu fiz o técnico em agropecuária né, menos ainda. (Docente 4, 2024).

Nesse relato, assim como nos anteriores, ficou evidente como a temática aqui em análise sempre foi negligenciada pela comunidade acadêmica. Os entrevistados, que são todos/todas agrônomos/a, colocam que isto ocorre principalmente em decorrência de fazer bastante tempo que cursaram a academia, porém vimos atualmente que essa realidade, infelizmente, continua a mesma.

Justificando esse relato foi realizada uma pesquisa documental junto ao PPC do Curso Superior em Agronomia da mesma instituição na qual se desenvolveu esse trabalho, e nessa busca direta pelo termo “agroecologia”, foi encontrado apenas 12 vezes, sendo que quatro delas estão contidas nas bibliografias complementares de disciplinas, enquanto as outras oito vezes encontram-se divididas em duas disciplinas de caráter eletivo. Não havendo desta forma, nenhuma menção em forma de conteúdo a ser trabalhado sistematicamente em sala de aula com os futuros agrônomos.

Na prática, isso indica que, se não for por interesse pessoal do/da docente em abordar em sala de aula sobre agroecologia e temas afins, essas temáticas continuam passando despercebidas ao currículo do profissional de agronomia. Também vale lembrar que serão esses profissionais que atuarão como novos e novas docentes nas mais diversas instituições que ofertam cursos técnicos e cursos superiores nessa área, criando de certa forma um ciclo, onde se repetem sempre as mesmas coisas.

Arroyo (2011), traz uma importante reflexão acerca da formação de um currículo escolar, descrevendo-o como um território em constante disputas pelo reconhecimento e validação de diferentes formas de saberes, deixando evidente que essa construção está intrinsecamente ligada a relações de poder e à dinâmica social. Nessa perspectiva o professor/a assume um papel central na construção desse currículo, pois assim como esse profissional pode ser apenas um transmissor de conteúdos padronizados, também pode agir como um mediador de saberes, articulando-os às especificidades dos educandos e de cada contexto.

O mesmo autor também ressalta a importância de incluir os saberes e experiências locais aos currículos, bem como as diversidades que cada estudante traz consigo, rompendo com a padronização e centralização dos currículos oficiais, que vêm impostos e apenas devem ser cumpridos (Arroyo, 2011).

Essa abordagem caminha de mãos dadas com a agroecologia, pois assim como os currículos escolares devem ser plurais, a agricultura também deve explorar outras formas de produção, sendo que instituições de ensino, sobretudo as públicas, devem proporcionar esse tipo de formação.

2. Aproximação e distanciamentos da agroecologia com a Missão do Instituto

Com essa categoria se buscou identificar os pontos convergentes entre a missão do instituto em que os docentes atuam, a qual está descrita no Plano de Desenvolvimento

Institucional, PDI, e os princípios da agroecologia. Como Missão institucional o documento traz o seguinte: “Promover a educação profissional, científica e tecnológica, pública e gratuita, por meio do ensino, pesquisa e extensão, com foco na formação integral do cidadão e no desenvolvimento sustentável” (PDI - 2019-2026).

Em primeira análise, apenas lendo a Missão da instituição já se pode inferir que a agroecologia deve estar bastante difundida dentro das práticas pedagógicas e da cultura organizacional. Diante dessa constatação inicial se buscou conhecer o entendimento e opiniões que os docentes têm sobre esse aspecto.

A D1 expõe a mesma percepção que motivou o autor a desenvolver essa pesquisa, pois conforme suas palavras: “A ligação da agroecologia e a missão do Instituto Federal está descrito nos documentos, nos projetos pedagógicos, na Missão do Instituto Federal, mas efetivamente nós temos poucos trabalhos” (Docente 1, 2024).

Apesar de considerar que existe ainda pouca aproximação entre agroecologia e a Missão institucional, ela cita algumas ações e projetos que vem acontecendo dentro do campus:

Um projeto que tem... nós estamos fazendo com um grupo multidisciplinar é o Sustentabilidade na Prática, ele é um projeto grande, com várias ações de agroecologia né, para que se possa trabalhar inúmeras atividades num objetivo comum, que é chegar a uma sustentabilidade. Então a gente tem, por exemplo, a separação de resíduos orgânicos de resíduos secos, nós temos contato com os catadores, que eles vêm buscar esse material aqui no Instituto Federal. Nós temos a decomposição desses resíduos orgânicos sendo feita por projetos que envolvem, por exemplo, a Mosca Soldado Negro, que é um projeto que é um projeto que eu sou responsável (...) (Docente 1, 2024).

Também descreve as dificuldades encontradas para dar seguimento e fortalecer essas ações, pois muitas vezes não tem a colaboração do restante da comunidade acadêmica, principalmente dos discentes que compõe a maior parcela dessas pessoas, tornando-se fundamental trabalhar continuamente a essência e as práticas básicas desses projetos, sendo, conforme suas palavras: “um trabalho de formiguinha” (Docente 1, 2024).

A agroecologia ela é uma missão para quem está dentro das instituições de ensino, ela é uma missão e nós estamos tendo agora, por exemplo, dentro dos programas de políticas públicas, o último Pronaf que nós temos é o Pronaf para agricultura familiar, é o Pronaf agroecologia. Então pensando que eu estudei escondido na década de 90 e que hoje nós temos cursos de pós-graduação em agroecologia em algumas instituições, professores falando de agroecologia, projetos ainda... poucos projetos, mas existem, né. Nessa linha a gente vê que o que a gente fez lá no passado, valeu a pena (...) (Docente 1, 2024).

Esse último recorte da fala da D1, traz esperanças para as pessoas que acreditam e defendem uma produção mais sustentável, mesmo que ainda estejamos muito longe de atingir um sistema agrícola produtivo, pautado em justiça social, segurança alimentar e equidade na distribuição de alimentos, ações como estas descritas pela D1 mostram que vale a pena continuar lutando por essa causa. É o “trabalho de formiguinha” que aos poucos vai ganhando expressão e permeabilidade no contexto social. Espera-se que esta dissertação de mestrado seja uma dessas “formiguinhas” contribuindo nessa luta.

O D2 em relação ao mesmo questionamento afirma que há relação entre a agroecologia e a Missão institucional, porém através de sua fala se percebe essa relação mais no contexto teórico, pois ele não expõe essa relação com exemplos práticos que aconteçam no campus. Como no trecho abaixo:

(...) a gente tem uma relação com Missão... primeiro de atender o público que é desassistido socialmente, né. Se a gente olha para o lado do meio rural é o pequeno agricultor, e é o que eu imagino que a produção orgânica, a agricultura familiar ela é... seria muito importante que a gente conseguisse como instituto fazer isso, né. Então eu acredito que a agroecologia tem uma relação grande com a missão dos institutos, para o desenvolvimento regional, no desenvolvimento local, certo (Docente 2, 2024).

Talvez essa relação descrita pelo D2 seja o que deva acontecer na realidade, pois converge com o que consta na Lei 11.892, precisamente em seu Artigo 6°. Destaca-se aqui os incisos I e IX do referido artigo:

I – (...) ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional; (...) IX - promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente (Brasil, 2008).

Nesse contexto surge a questão, será que realmente a instituição consegue ajudar a promover o desenvolvimento local, ainda mais levando principalmente tecnologias sociais voltadas à preservação do meio ambiente?

O D4 ao responder esse questionamento foi sincero e respondeu que não lembrava qual a Missão institucional, conforme suas palavras:

Mas sabe que eu de cabeça não me lembro muito bem claro a Missão do IF, mas eu acho que sim, mas eu não tenho assim bem o conceito, bem claro. Para fazer esse paralelo aí eu não tenho muita firmeza no que eu vou responder, mas acredito que sim (Docente 4, 2024).

Considerando essa última fala, pode-se inferir que assim como esse docente, muitos outros que trabalham na instituição, tanto docentes quanto técnicos administrativos, não lembram ou mesmo não sabem qual a Missão e as finalidades que dão rumos aos IFs. Podemos usar como indicativo, o universo de docentes que foram entrevistados para realizar essa pesquisa, onde de 4 pessoas entrevistadas, apenas uma delas relacionou de maneira mais coerente a Missão Institucional com agroecologia e como essa relação acontece na prática.

O entendimento desses conceitos que direcionam a instituição é de extrema importância que todos e todas saibam, e ainda mais importante, pratiquem e difundam junto à comunidade acadêmica e sociedade em geral, inserindo assim na cultura organizacional.

Diante da preocupante realidade ambiental que vivemos, a Missão institucional da instituição investigada tem grande valor potencial para propor mudanças nesse cenário, sobretudo por se tratar de uma instituição de ensino que atua em várias áreas do conhecimento, porém o grande desafio que devemos enfrentar, é conseguirmos implantar essa Missão dentro das práticas educativas diárias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo apresentar e propor reflexões acerca das memórias de docentes da Educação Profissional e Tecnológica da área da agronomia em relação as questões agroecológicas, através de uma abordagem qualitativa a partir de uma pesquisa de campo que proporcionou o registro de memórias.

Sabe-se que o agronegócio que é um cenário completamente oposto a agroecologia, infelizmente está muito enraizado em nossa realidade, sendo diariamente “legitimado” pelas grandes mídias e redes sociais, com slogans do tipo: “o agro é pop” o “agro é top”, o “agro é isso, o agro é aquilo”. Esse movimento ocasiona o engajamento de grande parte da população, defendendo e apoiando esse modelo de produção, porém essas pessoas não compreendem a real dimensão de todo o funcionamento do agronegócio e de todas as problemáticas ambientais e sociais que ele acarreta.

É sobre a perspectiva de contestar esse status quo em que a produção agrícola brasileira se encontra que se desenvolveu essa pesquisa, na medida em que, na visão do autor, uma instituição de ensino, sobretudo pública e que possui princípios de formação integral, não pode fazer parte do mecanismo de legitimação de um modelo produtivo que

se baseia na exploração desenfreada de recursos ambientais e acumulação de renda e terras para uma minoria. Pelo contrário, esses espaços de ensino devem abordar o agronegócio com criticidade, expondo todas as suas faces e demonstrando aos estudantes que existem alternativas a esse modelo. É dentro desse viés, de não deixarmos que os IFs sucumbam e se tornem mais um mecanismo dentre tantos outros a serviço do capital, que devemos manter vivos os princípios de formação integral para os quais essas instituições foram criadas. No entanto, para que isso aconteça, torna-se imprescindível que todas as pessoas envolvidas no processo de ensino conheçam, discutam e promovam tais princípios, e que a formação em EPT seja uma prática institucionalizada dentro dos IFs, desde o momento de seleção de novos servidores, nas provas de concursos, essas questões já devem ser contempladas.

Através dos dados produzidos nesta pesquisa, constata-se que há necessidade de mudança nas matrizes curriculares dos cursos de agronomia, devendo ser incorporado às ementas das disciplinas discussões que abordem efetivamente sobre sustentabilidade na produção agropecuária, caso contrário, estaremos girando em ciclos e reproduzindo as mesmas formações que os docentes entrevistados tiveram na década de 1990/2000.

Nesse intuito de entender que a sustentabilidade é algo a ser tratado de maneira unilateral, todo trabalho e pesquisa investigativa com a temática agroecologia se encaixa muito bem nesse viés, conforme, abordado ao decorrer dessa dissertação, agroecologia é uma filosofia de vida que vai muito além da produção de alimentos, de forma que abrange aspectos sociais e humanos, o que justifica ainda mais sua necessidade de ser contemplada dentro dos currículos escolares.

Cabe destacar que esse artigo está longe e não tem a intenção de esgotar as investigações a respeito da agroecologia e sustentabilidade na formação de agrônomos, pelo contrário, espera-se que cada vez mais pesquisadoras e pesquisadores se interessem e investiguem a temática, pois além de ser um campo fértil para pesquisas futuras, sem dúvida, será por meio de uma educação crítica e libertadora que iremos evoluir como espécie e, quem sabe, um dia nos tornar seres sustentáveis.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. **A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Currículo**: território em disputa. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. [Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008]. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 145, n. 253, p. 1-3, 30 dez. 2008.

CONSENTINO, J. M. B.; MARIANI, V. de C. P. Memórias agroecológicas na educação profissional e tecnológica: uma construção do estado do conhecimento. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [S. l.], v. 16, n. 8, p. e5260, 2024. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/5260/3948>.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Ensino médio integrado**: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLIESSMAN, Stephen. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

GOMES, João Carlos Costa. **Bases epistemológicas da agroecologia**. [S. l.: s. n.], 1999. (*Nota: Se for um livro ou livreto e faltarem dados de local ou editora, usa-se as siglas s. l. e s. n. entre colchetes*).

GUHUR, Dominique Michèle Perioto; TONÁ, Nilciney. Agroecologia. In: **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012. p. 59-66.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laís Teles Benoir. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018. 140 p.

MATTEI, Taíse Fátima; MICHELLON, Ednaldo. Panorama da agricultura orgânica e dos agrotóxicos no Brasil: uma análise a partir dos censos 2006 e 2017. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, [S. l.], v. 59, n. 4, p. e222254, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.222254>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi *et al.* **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. (*Nota: A norma orienta o uso do et al. quando há mais de três autores, embora listar todos também seja permitido. Como a lista original possuía 10 nomes, o et al. deixa o texto mais fluido*).

INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA. **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI (2019 - 2026)**. [S. l.: IFFar], 2019. Disponível em: <https://www.iffarroupilha.edu.br/documentos-do-pdi/item/13876-pdi-2019-2026>. Acesso em: 10 ago. 2023.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RAMOS, Marise. Ensino médio integrado: lutas históricas e resistências em tempos de regressão. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 20-38, 2017. (*Nota: Recomendo verificar o intervalo exato de páginas deste artigo se possível*).

REDE ECOVIDA DE AGROECOLOGIA. **Como funciona a Rede?** [S. l.], c2023. Disponível em: <https://www.ecovida.org.br/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

REDE ECOVIDA DE AGROECOLOGIA. **Histórico da Rede Ecovida**. [S. l.], c2025. Disponível em: <https://www.ecovida.org.br/>. Acesso em: 24 mar. 2025.

RIGHES, Antônio Carlos Minussi; SARTURI, Rosane Carneiro. Concepção histórica dos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia: entrevista com Eliezer Moreira Pacheco. **Revista Brasileira de História da Educação**, [S. l.], v. 21, p. e173, 2021.

SILVA, Caetana Juracy Rezende; PACHECO, Eliezer Moreira. A concepção do projeto político pedagógico dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 1, n. 22, p. e13658, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15628/rbept.2022.13658>.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

João Marcos Boton Consentino: Curadoria, análise formal, investigação, redação escrito do manuscrito original;

Vanessa de Cássia Pistóia Mariani: Conceituação, Metodologia, Supervisão, redação, revisão, editoração.